

## As versões latinas de *Os Lusíadas*\*

ENIO ALOISIO FONDA

Professor Titular de Língua e Literatura Latina  
do Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis.

Quando, em 1972, se comemorava o IV Centenário da publicação de *Os Lusíadas*, não surgiu, no Brasil pelo menos, um só camonista a dedicar um trabalho ou uma palestra às versões latinas dessa obra.<sup>1</sup> Até mesmo em Portugal, a única alusão às versões latinas eram dadas, sumariamente, como “nota explicativa” por JUSTINO MENDES DE ALMEIDA, na edição fac-similada do exemplar único manuscrito de *Os Lusíadas*, traduzidos em versos latinos por Frei ANDRÉ BAIÃO, e que a Junta de Investigações do Ultramar, em Lisboa, publicava como edição comemorativa.<sup>2</sup>

Como as informações de JUSTINO MENDES DE ALMEIDA tivessem causado em mim vivo interesse, parti, sem demora, a folhear, página por pá-

---

\* Comunicação apresentada no VI Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa, realizado de 16 a 19 de agosto de 1978, no Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro publicou, em 1972, por ocasião de IV Centenário da 1ª edição de *Os Lusíadas*, Camoniana, catálogo coletivo da Cidade do Rio de Janeiro, organizado por ESMERALDA RIBEIRO DE MESQUITA (138 p.), que, apesar de pretender arrolar a obra camoniana existente nos acervos das bibliotecas do Rio de Janeiro, é, no que se refere às versões latinas, bastante incompleto.
2. *Os Lusíadas de Luís de Camões Traduzidos em Versos Latinos por Frei André Baião Natural da Índia Portuguesa*. Impressão fac-similada do exemplar único manuscrito existente na Biblioteca Nacional de Lisboa. Precedida duma “nota explicativa” pelo Doutor JUSTINO MENDES DE ALMEIDA. Junta de Investigações do Ultramar, 1972. Edição comemorativa do IV Centenário da publicação de “*Os Lusíadas*”.

gina, as clássicas obras biobibliográficas de DIOGO BARBOSA MACHADO,<sup>3</sup> INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA,<sup>4</sup> AUGUSTO VICTORINO ALVES SACRAMENTO BLAKE,<sup>5</sup> a fim de nelas encontrar novos elementos que me ampliassem os horizontes na pesquisa do levantamento de fontes para organizar uma pequena história das versões latinas de *Os Lusíadas*.

Os dados iam-se avolumando, máxime com a consulta de *Obras de Luiz de Camões*, do VISCONDE DE JUROMENHA,<sup>6</sup> e de *A Obra Monumental de Luiz de Camões*, de WENCESLAU DE BRITO ARANHA,<sup>7</sup> completados, ao depois, pelo exame natural e necessário de outras obras congêneres.

Pela importância da obra, que não importa aqui ressaltar, achava dever-se, finalmente, arrolar ordenadamente as traduções latinas de *Os Lusíadas*, para possibilitar uma visão conjunta das mesmas e demonstrar que, a exemplo de outras línguas, também a Latina teve seus mestres que quiseram imortalizar a obra máxime de LUÍS DE CAMÕES.

Na exposição do presente trabalho, será obedecida uma ordem de seqüência, que julguei necessária, e dentro da qual a cronologia será fator principal. Obedecida, assim, a ordem cronológica, serão postos em foco os seguintes tópicos:

1. Traduções integrais, assinadas e publicadas
2. Traduções integrais desaparecidas
3. Traduções parciais, existentes e desaparecidas

Convém observar que o presente elenco não pretende ser outra coisa senão uma apresentação ordenada e cronológica de informações que, até aqui, andavam dispersas, além de imperfeitas, em obras de referência que consultei e citarei no corpo deste trabalho e em notas de rodapé. Mesmo assim, acredito ter encetado por primeiro, no que concerne às versões latinas, aquilo que outros já há muito realizaram com relação às diversas línguas para as quais *Os Lusíadas* foram traduzidos.

Na ordem cronológica das traduções surgidas nos primeiros cinquenta anos (1572-1622) após a publicação de *Os Lusíadas*, ocupa a latina, de Dom

---

3. DIOGO BARBOSA MACHADO — *Biblioteca Lusitana historica, critica, e cronologica* (. . .) Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, Ignacio Rodrigues, Francisco Luiz Ameno, 1741-1759. 4 vols.

4. INOCENCIO FRANCISCO DA SILVA — *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Estudos de . . . applicaveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa, na Imprensa Nacional, 1858-1923. 22 vols.

5. AUGUSTO VICTORINO ALVES SACRAMENTO BLAKE — *Diccionario Bibliographico Brasileiro* pelo doutor. . . Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1883-1902. 7 vols.

6. VISCONDE DE JUROMENHA — *Obras de Luiz de Camões* (. . .) pelo . . . Lisboa, Imprensa Nacional, 1860-1869. 6 vols.

7. PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA — *A Obra Monumental de Luiz de Camões*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1887-1888. 2 tomos.

Frei TOMÉ DE FARIA, o quarto lugar, visto terem-na precedido três, todas em espanhol, a saber, duas em 1580, e a outra em 1591.

## 1. Traduções integrais, assinadas e publicadas

Há sérios indícios da existência de uma tradução latina de *Os Lusíadas* anterior ao ano de 1609, que só não foi publicada devido ao estado de imperfeição em que ficou pela morte do seu autor, e da qual se tratará à devida altura.<sup>8</sup>

1.1. Por isso, a primeira versão latina de *Os Lusíadas* saída à luz é a de Dom Frei TOMÉ DE FARIA, Carmelita descalço, Prior do convento da Ordem em Lisboa, depois nomeado Coadjutor do Arcebispo de Lisboa, Dom MIGUEL DE CASTRO, com o título de Bispo Titular de Targa (†1629).<sup>9</sup>

Data de 1622 e traz as indicações bibliográficas que se precisam com a transcrição completa da página de rosto:

Lvsia dvm Libri Decem, Avthore (sic) Domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi Regioque consiliario, Ordinis Virginis Mariae de Monte Carmeli, Doctore Theologo, Vlyssiponensi. Cum facultate Superiorum. Vlyssipone. Ex officina Geradi de Vinea. 1622. (8 inu eradas – 179 folhas numeradas pela frente)

A informação do Jesuíta JORGE CABRAL reza assim:

*Vi esta historia do descobrimento da Índia em verso, não tem cousa que encontra nossa santa fé ou bons costumes; antes he poesia que pode ajudar aos humanistas, pelo que pôde imprimirse.*

A tradução do poema vai da folha 1 à folha 145; e da folha 146 até o fim correm as notas geográficas e históricas.

Apresenta defeitos na numeração das folhas; assim, folha 151 em vez de 142; 153 em vez de 144; 154 em vez de 145.

Nem o tradutor, nem as licenças mencionam o nome de CAMÕES. Quem ignorasse que *Os Lusíadas* são de CAMÕES, por esta tradução julgá-los ia escritos por TOMÉ DE FARIA. De fato, na página de rosto, ele se diz *Author*, da tradução, evidentemente.

A obra compreende uma dedicatória à nação portuguesa, na qual diz que, vendo o estado de degradação e de abatimento a que a nação se achava reduzida há uns cincoenta anos, para aliviar a tristeza se aplicara à leitura dos maravilhosos feitos de seus antepassados, e procura mitigá-los com esta tradução, onde propõe aos seus conterrâneos tantos exemplos para seguirem as pegadas dos seus ascendentes:

*Tendes os turcos que tantas vezes debelastes, os mouros sobre os quais alcançastes tantas vitórias, tantas nações cujos troféus enfeixastes, enfim*

---

8. Cf. 2.1. infra.

9. A biobibliografia deste autor encontra-se em: DIOGO BARBOSA MACHADO — *Bibliotheca Lusitana* (cit.). Tomo III (1752), p. 755.

*os inimigos da fé contra os quais podeis restaurar o nome perdido, e eu cantar-vos em meus versos.*

Depois, nas palavras *Ad Lectorem*, desculpa-se com o exemplo de muitas pessoas graves, de que, sendo já velho (80 anos) e bispo, se aplicasse à poesia.

Seguem-se três epigramas em louvor do tradutor. Os Cantos são precedidos de argumentos em prosa, e, no fim, vão algumas notas.

A tradução termina na estância 144 do Canto X, omitindo as últimas doze da alocução a El-Rei D. SEBASTIÃO.

O Pe. ANTONIO DE CARVALHO DA COSTA, autor da *Corographia Portuguesa*, assevera que o Bispo empreendera a tradução instado pelos Padres da Companhia de Jesus.

Tal como afirmou JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, a versão de TOMÉ DE FARIA é uma paráfrase e não uma tradução,<sup>10</sup> se comparada com a de ANDRÉ BAIÃO,<sup>11</sup> que será analisada em seguida.

Esta tradução foi depois inserida no tomo V da coleção ordenada pelo Pe. ANTÔNIO DOS REIS, com o título *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui Latine scripserunt*,<sup>12</sup> dando aí também uma biografia desse sábio Prelado, um catálogo de suas obras e a menção do que alguns autores escreveram para elogiar esta versão.

Diga-se, ainda, que o verso empregado pelo tradutor é o tradicional hexâmetro datílico, próprio da poesia épica latina.

1.2. A segunda tradução é a de Frei ANDRÉ BAIÃO (1566-1630), natural de Goa, mestre de Retórica no Colégio dos Gregos em Roma, e depois, a pedido do Cardeal FRANCISCO DE JOYOSA, Bispo suburbicário de Sabina, Regente do Seminário Manlianense e de Velletri. Faleceu aos 73 anos, em 1639, na Casa de São Pantaleão, dos Padres Piaristas, em Roma, onde se tinha recolhido e cuja comunidade deixou herdeira das suas composições.<sup>13</sup>

BERNARD DE MONTFAUCON em sua *Bibliotheca Bibliothecarum Manuscriptorum Nova*, tomo I, p. 179,<sup>14</sup> afirmava conservar-se na Biblioteca Romana, sob o n.º 25 do catálogo do arquivo dos Manuscritos da Basílica de São Pedro, um códice contendo a tradução de *Os Lusíadas*, feita por Frei ANDRÉ BAIÃO, reproduzindo-lhe, inclusive, os primeiros nove versos:

*Siquá ego jactabam Zephyris; quâ surda movebam Littora, quâ Sylvas patriis dare questubus auras Ingenio, studioque valens: nunc quanta latino*

---

10. PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA — *A Obra Monumental de Luiz de Camões* (cit.). Tomo I (1887), p. 297-298.

11. Cf. 1.2. *infra*.

12. *Lisbonae, Typis regalibus Sylvanis, Regiaeque Academiae, 1745.*

13. Biobibliografia deste autor em: DIOGO BARBOSA MACHADO — *Bibliotheca Lusitana* (cit.) Tomo I (1741), p. 137 et seq. VISCONDE DE JUROMENHA — *Obras de Luiz de Camões* (cit.). Vol. I (1860), p. 214-215.

14. Paris, 1739, 2 vols.

*Ore queam repetēs longinqui ardentia Martis Arma, virosque cano Lusos,  
qui solis ab oris Occiduis per inaccessas maris omnibus undas Tropabanem  
venère super discrimina rerum Plusquàm homines aggressi in Eoo littore  
regnum Nobile perpetuis auctum posuère triumphis.*

O mesmo autor cita ainda outra tradução manuscrita: *Poema Ludovici Camoens in Latinum conversum*, com a cota 26 da Biblioteca Slusiana, mas que, conforme constatou-se depois, por um índice manuscrito conservado na Biblioteca Vaticana, não é outra obra senão a segunda parte do referido códice 25.<sup>15</sup>

DIOGO BARBOSA MACHADO repete esta notícia em sua *Bibliotheca Lusitana* (1741), tomo I, p. 140, informando ainda, que

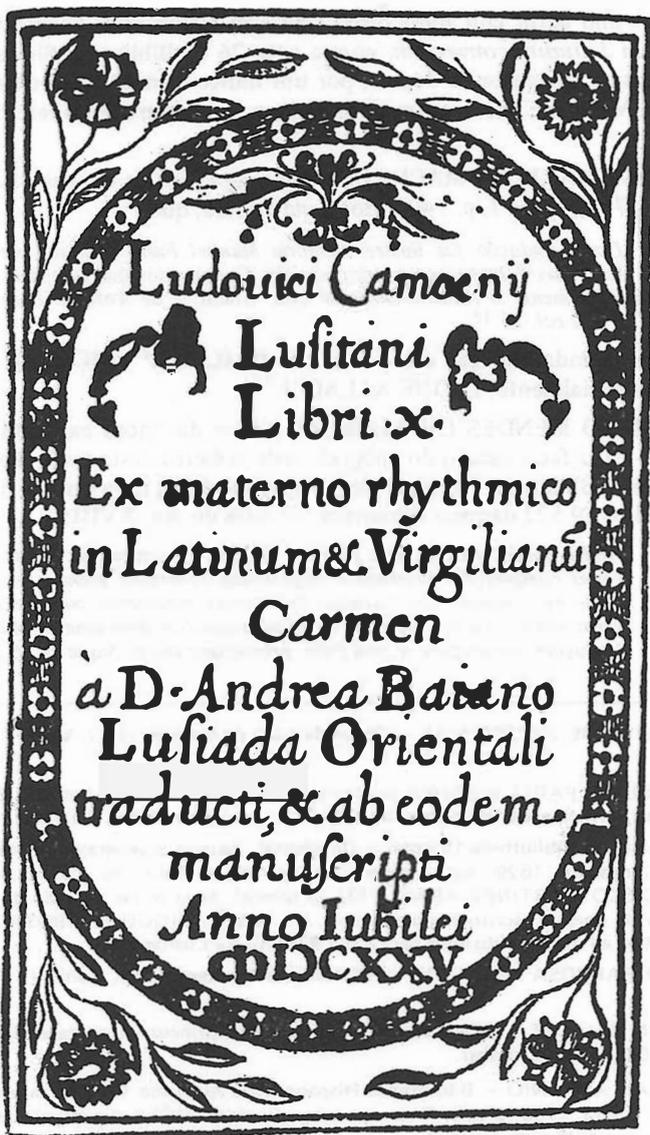
*Desta tradução faz illustre memoria Manoel Faria e Souza, na Vida de Camoens<sup>16</sup> impressa no principio dos Commentos das Lusíadas . . . e modernamente o Addicionador da Bibl. Orient.<sup>17</sup> de Antonio Leão Tom. 2. Tit. 2 col. 25.<sup>18</sup>*

Fazem, ainda, menção desta tradução BAILLET,<sup>19</sup> NICOLAU ANTÔNIO<sup>20</sup> e, especialmente, LEONE ALLACCI.<sup>21</sup>

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA (autor da “nota explicativa” que precede o texto fac-similado do apógrafo redescoberto desta tradução e agora pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa) localizou uma notícia da tradução no códice nº 522 daquela Biblioteca, de letra do séc. XVIII:

*André Bayão: veio da Asia illustrar Europa, especialmente Roma onde em várias composições metricas e engenhosas conseguiu grandes elogios . . . Delle he o Poema das Lusíadas de Camões traduzidos com elegancia em verso heroico Latino o qual se chegasse a concluir seria uma das mais felizes traduções que ategora se tem feito, principiava assim: Siqua ego & . . .<sup>22</sup>*

- 
15. VISCONDE DE JUROMENHA – *Obras de Luiz de Camões* (cit.). Vol. I (1860), p. 216.
  16. MANOEL DE FARIA E SOUSA publicou em 1639, em Madrid, *Lusíadas de Luis de Camoens, Príncipe de los poetas de España* (. . .) comentados. 4 tomos em 2 vols.
  17. *Epítome de la Bibliotheca Oriental y Occidental, nautica y geographica*. Madrid, por Juan Gonçalvez, 1629. Saíu, depois, muito acrescentada, no mesmo lugar, por FRANCISCO MARTINEZ ABAD, 1737 (3 tomos). Nela se faz menção de um bom número de obras e escritores portugueses, e o próprio DIOGO BARBOSA MACHADO colheu ali muitos subsídios para a sua *Bibliotheca Lusitana*.
  18. DIOGO BARBOSA MACHADO – *Bibliotheca Lusitana* (cit.). Tomo II (1747), p. 140.
  19. ADRIEN BAILLET – *Jugements des savants sur les principaux ouvrages des auteurs*. Paris, 1685-1686 (4 tomos).
  20. NICOLAU ANTONIO – *Bibliotheca Hispana Nova Ab Anno 1500 Ad Annum 1864*. Matriti, Ibarra, 1783. 2 vols. Traz uma biografia de CAMÕES, e a relação de algumas edições e traduções de sua obra.
  21. Leonis Allatii Apes Urbanae, Sive De Viris Qui Ab Anno M. DC. XXX Per Totum M. DC. XXXII Romae Adfuerunt Ac Typis Evulgaverunt.
  22. Os *Lusíada* de Luiz de Camões Traduzidos em Versos Latinos por Frei André Baião (cit.), p. V-VI.



Folha de rosto da versão latina de *Os Lusíadas* (Roma?, 1625) pelo frei André Bação, da qual a Junta de Investigações do Ultramar fez (Lisboa, 1972 XI-383 pp.) uma edição fac-similada comemorativa do IV Centenário de publicação do poema.

Duma carta que o tradutor escrevera ao Arcebispo de Lisboa consta ter ele trabalhado nesta obra já no ano de 1607,<sup>23</sup> portanto dezoito anos antes da data indicada (1625) na folha de rosto do manuscrito descoberto.

JOÃO ANTONIO DE LEMOS FERREIRA DE LACERDA (Visconde de Juromenha) solicitou, em meados do século passado, de Monsenhor MOLZA, Bibliotecário-Mor da Biblioteca Vaticana, para se descobrir não só nesta, mas na Capitular também, isto é, na de S. Pedro, e nos arquivos, esta tradução, porém infrutuosamente.

Por incômodo de saúde de Monsenhor MOLZA, fora encarregado desta comissão JOÃO BATISTA ROSSI, que respondeu:

*Avevo qualche speranza di s'invenir la traduzione del Camoens fatta da Andrea Bayão, perchè una grande parte dei manoscritti del Cardinal Slusio fu acquistata dal Pontefice Innocenzo XI, per gli archivi Vaticani, secondo l'è indicazioni trovate da Monsignor Molza, nella Biblioteca Vaticana. Ma Monsignor Narini, Prefetto degli archivi mi ha assicurato, tra i manoscritti dello Slusio non aver egli potuto affatto ritrovare la desiderata versione. Debbo anche avvertire che due MSS. Slusiani segnati da Montfaucon (t. I, p. 179) coi numeri 25 e 26 non sono in realtà che un solo codice come apparisce da un indice manoscritto che conservasi nella Biblioteca Vaticana.*<sup>24</sup>

Esta preciosidade bibliográfica foi por alguns considerada perdida para sempre. Com efeito, desde DIOGO BARBOSA MACHADO até recentemente, muitas foram as diligências efetuadas para encontrar o inestimável cimélio, salientando-se nestas tentativas os nomes de JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO,<sup>25</sup> do VISCONDE DE JUROMENHA (João Antônio de Lemos Pereira de Lacerda),<sup>26</sup> do Prof. REBELO GONÇALVES e Dr. GOMES BRANCO.<sup>27</sup>

Em outubro de 1953, o Diretor da Biblioteca Nacional de Lisboa recebia dos livreiros A. ROSENTHAL Ltd., de Oxford, a indicação de que tinham adquirido uma pequena mas interessante coleção de livros sobre Portugal, na sua maioria em inglês, ao Coronel L. C. EGERTON. Na mesma carta, os livreiros comunicavam também que tinham, à venda, pelo preço de 75 libras, um exemplar único, inédito, da tradução de *Os Lusíadas* por ANDRÉ BAIÃO, descrita às págs. 139-140 do tomo I da *Bibliotheca Lusitana*, de DIOGO BARBOSA MACHADO, e propunham-se vendê-la em separado.<sup>28</sup>

Após as diligências necessárias, foi o Diretor da Biblioteca autorizado, por despacho de março de 1954, a despendar 125 libras esterlinas na aquisição

---

23. VISCONDE DE JUROMENHA — *Obras de Luiz de Camões* (cit.). Vol. I (1860), p. 214.

24. *Apud* VISCONDE DE JUROMENHA — *Obras de Luiz de Camões* (cit.). Vol. II (1860), p. 215.

25. PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA — *A OBRA Monumental de Camões* (cit.). Tomo I (1887), p. 297-298. Cf. número que provoca a nota 30 infra.

26. VISCONDE DE JUROMENHA — *Obras de Luiz de Camões* (cit.). Vol. I (1860), p. 215.

27. *Os Lusíadas de Luís de Camões Traduzidos em Versos Latinos por Frei André Baião* (cit.), p. V.

ção de 10 obras constantes naquela oferta, incluindo: “*Baiano. Translation of Camoens in Latin*. MS. on paper, 383 pp. (Roma?), 1625.”<sup>28</sup>

Com a aquisição desta tradução latina de *Os Lusíadas* prestava-se à Cultura Portuguesa, e em especial à Camonologia, um serviço que nunca será demasiado exaltar, tratando-se, como se sabe, de uma obra que os estudiosos em vão se empenharam por encontrar, ao longo de mais de dois séculos, desde que dela deram notícia BERNARD DE MONTFAUCON e DIOGO BARBOSA MACHADO.<sup>29</sup>

O exemplar, encadernado em pergaminho, apresenta no rosto, em letra do século XVII, a seguinte legenda:

*Ludouici Camoenij | Lusitani | Libri X. | Ex materno rhythmico | in Latinum & Virgilianū | Carmen | à D. Andrea Baiano | Lusitada Orientali | traducti, & ab eodem | manuscripti | Anno Iuhilei | MDCXXV.*

Em 1972 saía o precioso manuscrito em edição fac-similada, por intermédio da Junta de Investigações do Ultramar, portanto, na página de rosto, o que a seguir se transcreve:

*Edição Comemorativa Do IV Centenário | Da Publicação De “Os Lusíadas” | OS LUSIADAS | De Luís De Camões | Traduzidos Em Versos Latinos | por | Frei André Baião | Natural da Índia Portuguesa | Impressão fac-similada do exemplar único manuscrito | existente na Biblioteca Nacional de Lisboa | Precedida duma “nota explicativa” pelo Doutor Justino Mendes de Almeida | Junta de Investigações do Ultramar | 1972.*

XI — 383 páginas, assim distribuídas:

Liber	I	.....	p. 1 — 38	.....	602 versos (não 601)
Liber	II	.....	p. 39 — 74	.....	566 versos + 1 inacabado ( não 570)
Liber	III	.....	p. 75 — 121	.....	751 versos (não 756)
Liber	IV	.....	p. 122 — 165	.....	556 versos (não 570)
Liber	V	.....	p. 165 — 199	.....	529 versos (não 495)
Liber	VI	.....	p. 199 — 243	.....	523 versos (não 428)
Liber	VII	.....	p. 243 — 271	.....	423 versos (não 443)
Liber	VIII	.....	p. 272 — 301	.....	451 versos
Liber	IX	.....	p. 302 — 329	.....	430 versos
Liber	X	.....	p. 330 — 383	.....	817 versos (não 823)

Total de versos ..... 5648

*Os Lusíadas* constam, como é sabido, de 1102 estâncias de 8 versos cada uma, perfazendo o total de 8816 versos. Justapostos aos 5648, que perfazem a tradução de Frei ANDRÉ BAIÃO, resulta que o tradutor reduziu de 3168 versos a estrutura camoniana do Poema.

28. *Ibidem*, p. III.

29. Cf. número que provoca a nota 18 *supra*.

A tradução vem precedida de quatro versos hexâmetros datílicos, próprios do gênero que traduz. No fim (p. 383), vão quatro dísticos elegíacos, perfazendo a *Protestatio interpretis*.

Há repetidas falhas na numeração das páginas e que não importa especificar aqui; como há também não poucos lapsos na numeração (de cinco em cinco) dos versos, donde resulta o total incorreto dos versos de cada canto, posto que se tome por base a última referência numérica encontrada antes do fim de cada canto.

Todos os cantos são precedidos de um argumentum, em prosa, cuja extensão varia de acordo com a natureza do assunto.

PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA reporta o teor de uma carta autógrafa, em sua posse, de JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, endereçada ao Vigário Geral, Arcebispo Titular de Lacedônia, e datada de Pedrouços em 15 de junho de 1829, na qual informa ter-se empenhado em descobrir o manuscrito da tradução de *Os Lusíadas* por ANDRÉ BAIÃO. afirmando, inclusive, sua boa vontade para com LUÍS DE CAMÕES:

*. . . no meu agradecimento lhe pedi quizessem examinar nos ms. da Vaticana os ms. de André Baião, sucessor de Marcos Mureto na cadeira de eloquencia, e fazerem uma copia da tradução latina das Lusíadas, mais exactas e muito melhores versos, que os da paraphrase, e não traducção de Fr. Thome de Faria, e que viesse isto pela legação, que eu cá pagaria o frete, e a quem elles aqui quizessem, o trabalho da copia, porque fazer gastar um tostão a um italiano, é tirar-lhe um olho da cara, ou ambos os olhos. Se assim o fizerem, será mais um tropheo levantado à gloria do Poeta, e que valha mais alguma coisa, que a edição rica do Morgado de Matteus.<sup>30</sup>*

Admira o juízo crítico emitido por JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO sobre esta tradução, que só podia conhecer pelos nove versos iniciais transmitidos por BERNARD DE MONTFAUCON e, depois, transcritos por DIOGO BARBOSA MACHADO,<sup>31</sup> a não ser que possuísse ou conhecesse outro apógrafo existente em Portugal.

No entanto, dum confronto dos versos transmitidos por BERNARD DE MONTFAUCON, com os do manuscrito adquirido pela Biblioteca Nacional de Lisboa, resultam não insignificantes diferenças, o que faz supor tratar-se de uma nova versão, mais aprimorada, talvez já em vias de publicação.

1.3. Finalmente, existe a tradução de Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO,<sup>32</sup> tão conhecido no mundo literário de sua época, não só

---

30. PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA — *A Obra Monumental de Luiz de Camões* (cit.). Tomo I (1887), p. 297-298.

31. Cf. número que provoca a nota 18 *supra*.

32. Biobibliografia deste autor em: DIOGO BARBOSA MACHADO — *Bibliotheca Lusitana* (cit.). Tomo II (1747), p. 95 et seq. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA — *Diccionario* (cit.). Tomo II (1859), p. 322-323. NICOLAU ANTONIO — *Bibliotheca Hispana Nova* (cit.). Tomo I (1783), p. 440-442. Parcialmente reproduzida em *A Lusíada de Luís de Camões. Traduzida em verso latinos por Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo*. 1ª ed. revista por ANTONIO JOSÉ VIALE (. . .). Lisboa, Imprensa Nacional, 1880, p. XV-XVII.

pelos seus vastos talentos, mas pela facilidade e presteza com que escrevia. Nascido no ano de 1596, professou a 22 de maio de 1610 no Colégio dos Jesuítas de Coimbra. Deixou a Companhia de Jesus depois de sete anos e de ter feito, nela, o quarto voto, para abraçar, em 1642, a Ordem Franciscana e, em 1645, passar para a da Observância. Dom JOÃO IV o empregou sucessivamente em embaixadas mandadas à França, Inglaterra e Roma, no intento de ser por estas potências reconhecido como legítimo rei de Portugal. Foi muito aceito pelo Pontífice ALEXANDRE VII, que o nomeou “Mestre de Controvérsia” no Colégio *De Propaganda Fide*, Lente de História Eclesiástica na *Sapiéntia* de Roma. Passou depois para Veneza, cujo governo lhe conferiu a cidadania, mandando colocar o seu retrato na Biblioteca de São Marcos, e lhe deu a Cadeira de Filosofia Moral na Universidade de Pádua, que regeu desde 18 de dezembro de 1667 até à sua morte, ocorrida a 1 de março de 1681, contando ele a idade de 85 anos.

A página 413 da obra póstuma deste religioso, cujo título é:

*Reverendissimi Patris Francisci de Macêdo, Minoritae Lusitan. Conimbricensis, Rhetorices, ac Poeticæ Magistri – Primarii Ulyssipone, Conimbricæ ac Madriti, Carmina Selecta.* Ulyssipone. Apud Michaellem Deslandes. Anno 1683.

no índice dos livros prontos para serem dados à estampa, vinha a indicação seguinte:

*“Traductio Ludovici Camonii Principis Poetarum Lusitaniæ in Latinam linguam Heroici item Carmine. opus magni laboris, & accusationis.”*

A obra anunciada, porém, só saiu a lume 197 anos depois, em 1880, editada pelo quarto neto de MIGUEL DESLANDES, e revista por ANTÔNIO JOSÉ VIALE, conforme consta na página de rosto e cujo teor transcreve-se integralmente:

*A Lusíada | De Luiz de Camões | Traduzida Em Versos Latinos | Por | Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo | Primeira Edição | Por Antonio José Viale | Do conselho de Sua Magestade | Publicada Por | Venancio Deslandes | Lisboa | Imprensa Nacional | 1880.*

De XVII – 2 (inumeradas) – 478 páginas e mais 1 errata. Com o retrato do Tradutor. É dedicada a Dom LUIS I. Contém: advertência do editor (pág. VII); antelóquio de ANTÔNIO JOSÉ VIALE (pág. IX-XVII); 4 dísticos elegíacos (8 versos), pelo mesmo (pág. inumerada); o Poema (pág. 1-415); *Notulæ* (pág. 417-474); descrição da “Ilha dos Amores”, segundo a cópia da versão de Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO (p. 475-478).

Foi composta em Paris, em nove meses, por insinuação do Marquês de Niza, Dom VASCO LUIS DA GAMA.<sup>33</sup> O Tradutor, porém, não a deixou perfeita, talvez porque pretendesse limá-la mais tarde, às vésperas da entrega do manuscrito para os prelos.

---

33. VISCONDE DE JUROMENHA – *Obras de Luiz de Camões* (cit.). Vol. I (1860), p. 218. DIOGO BARBOSA MACHADO – *Bibliotheca Lusitana* (cit.). Tomo II (1747), p. 95.

CARLOS ANTONIO PAGGI faz menção desta tradução, que era esperada pelo público literário, quando apareceu a sua na língua italiana (1658), e o Pe. PIERRE NICERON<sup>34</sup> diz que o original se achava na livraria do MARQUÊS DE NIZA, e ia ser impresso por ordem do Rei, e debaixo da inspeção do Pe. ANTÔNIO DOS REIS, o mesmo que cuidara da inserção, no tomo V do *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui Latine scripserunt* (1745), da tradução de *Os Lusíadas*, por Dom Frei TOMÉ DE FARIA.<sup>35</sup> O editor, porém, resolveu não publicá-la porque ainda falha e por não estar retocada pelo próprio autor.

O VISCONDE DE JUROMENHA afirma que:

*Os primeiros cantos d'esta traducção paravam em poder do sr. padre Domingos da Soledade Sillos, prégador regio e Prior que foi de Villa de Conde, e ultimamente residente em Guimarães, o qual os houve por compra da livraria de um religioso, que intentava imprimir como sua esta traducção. Os ultimos cantos pertencem ao sr. Conselheiro Antonio Correia Caldeira, que teve a bondade de m'os franquear para os examinar. João Saraiva de Victoria melhorou ou antes restaurou esta traducção, como se vê de uma nota que está por baixo do argumento do Canto X d'este manuscrito: "A molc indigesta in lucem edidit Joannes Saraiva de Victoria". O padre José Agostinho de Macedo, em carta sua autographa que eu vi dirigida ao morgado de Matheus, D. José de Sousa Botelho, o convidava para publicar esta traducção, offerecendo-lhe para rever e mendar; ahi se diz, se a minha memoria me não engana, que existia uma copia na bibliotheca do Duque de Cadaval. Alguns trechos d'ella se acham no Propugnaculum Lusit. Gal. do mesmo auctor, a pag. 102, 118, 158, 159, 161, 164, 195 e 199.*<sup>36</sup>

Refere, ainda, o VISCONDE DE JUROMENHA, que viu uma carta autógrafa do Pe. JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO ao Morgado de Mateus, D. JOSÉ MARIA DE SOUSA, "em que parece que modificava as suas opiniões, incitando o dito Morgado para que publicasse a tradução de *Os Lusíadas* do padre Francisco de Santo Agostinho Macedo, e oferecendo-se para a rever."<sup>37</sup>

Mas, passemos a historiar a edição de 1880 e os manuscritos que lhe seriam de base.

Reconhecendo a impossibilidade de dar à estampa a versão de *Os Lusíadas* tal qual se lia no manuscrito macediano em posse do editor, cópia muito imperfeita, emendada apenas das mãos do tradutor nas primeiras estâncias do Canto V do Poema, achava o editor devê-la confiar à necessária revisão, que se constituiria:

---

34. *Mémoires pour servir à l'histoire des hommes illustres de la république des lettres avec le catalogue raisonné de leurs ouvrages*. Paris, 1727. Cf. VISCONDE DE JUROMENHA -- *Obras de Luiz de Camões* (cit.). Vol. I (1860), p. 219.

35. Cf. número que provoca a nota 12 *supra*.

36. VISCONDE DE JUROMENHA -- *Obras de Luiz de Camões* (cit.). Vol. I (1860), p. 219.

37. *Idem* -- *ibidem*, p. 369. Cf. PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA -- *A Obra Monumental de Luiz de Camões*. (cit.). Tomo I (1887), p. 297.

1º – pelo expurgo dos erros do copista;

2º – em pôr-se a lima que lhe não passara o célebre tradutor.

ANTONIO JOSÉ VIALE, em quatro dísticos, postos antes do Poema traduzido, aponta a única e verdadeira desculpa que pode aduzir-se para ficar incólume a merecida reputação de Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO como latinista e metrificador, dotes de que deu provas cabais em muitas outras composições poéticas.

*Lusyadum cecinit magni Camonius oris  
Vates (Quis nescit?) maxima facta virum,  
Donavit Latio Macedus nobile carmen,  
Quo nullum Lusiis gratius exstat opus.  
Sed nimium properans quandoque est passus in illo,  
Quo studuit metam tangere, curriculo.  
Non tamen est ausus mendosus edere versus:  
Emendaturum mors cita corripuit.*

Dis acertadamente ANTONIO JOSÉ VIALE que “toda a sua apologia, relativamente aos desprimores da sua *Lusiada*, cifra-se no pentâmetro ovidiano: “*Emendaturus si licuisset erat.*”

O revisor insiste em atribuir a imperfeição desta obra do aliás doutíssimo Franciscano à pressa com que trabalhou para satisfazer a impaciência do MARQUÊS DE NIZA, que dela o havia encarregado.

A empresa da revisão só poderia desempenhar-se por quem possuísse a autoridade, a instrução e o saber para tanto. E para isso o editor escolheu ANTONIO JOSÉ VIALE, reconhecido latinista.

Foi em meados de 1878 que VENÂNCIO DESLANDES incumbiu ANTONIO JOSÉ VIALE de rever os manuscritos da tradução macediana de *Os Lusíadas*.

No “antílóquio” faz ANTONIO JOSÉ VIALE as seguintes declarações:

*Nos cinco primeiros cantos limitámo-nos a emendar palavras e phrases (em grande numero) que nos pareceram menos proprias, ou menos claras, e a corrigir alguns erros de versificação, devidos talvez á impericia do copista, reservando para as notas latinas, que nos propozemos acrescentar ao texto da versão, o cuidado de indicar algum dos lapsos, e outras vezes o de substituir versos inteiros do traductor por outros de nossa lavra que se nos figuraram menos imperfeitos. Nos cinco ultimos cantos fomos menos indulgentes e mais atrevidos. Fizemos muitas e muitas dezenas de estâncias em substituição às do traductor, por assim o julgarmos absolutamente necessario.<sup>38</sup>*

No que diz respeito ao Canto IX, a descrição da “Ilha dos Amores”, ANTÓNIO JOSÉ VIALE preferiu substituir *in toto* as estâncias LIV-LXIII, da mão de Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO, pela versão que ele próprio fizera e publicara dois anos antes, em 1878, nos *Excerptos dos Lusíadas, traduzidos em versos latinos*.<sup>39</sup>

38. *A Lusíada de Luiz de Camões*. Traduzidas em versos latinos por Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo (cit.), p. XIII.

39. Cf. 3.1.11.5. *infra*.

ANTÔNIO JOSÉ VIALE justifica a exclusão da versão macediana nestes termos:

*Como no fim d'este livro vem a mesma descripção tal como ella se lê no manuscripto de que nos servimos, poderão os leitores convencer-se do muito que a versão de Macedo havia mister ser reformada, certamente (não deixaremos de repetir-o) porque o doutissimo traductor, que d'ella se occupou durante mais de cinco annos, como se deprehende de uma correspondencia do primeiro marquez de Niza, conservada inedita na bibliotheca nacional de Lisboa, distrahido por muitas outras occupações, não teve o tempo e socego indispensaveis para poder corrigir e aprimorar uma obra de tanta magnitude e difficuldade.*<sup>40</sup>

Além do manuscrito que VENÂNCIO DESLANDES apresentara ao revisor, e ao qual já se fez alusão, e que, no dizer de JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO,<sup>41</sup> existia na biblioteca do DUQUE DE CADAVAL, havia outro nas mãos de PEREIRA CALDAS. O revisor, contudo, só fizera uso dos exemplares pertencentes a VENÂNCIO DESLANDES e PEREIRA CALDAS, como resulta de suas próprias palavras:

*Ficam existindo nas mãos dos srs. Deslandes e Pereira Caldas os dois manuscritos da traducção de Macedo, que são os únicos até agora conhecidos. Se alguma vez se fizer uma edição inteiramente conforme com elles, os juizes competentes poderão decidir se o revisor estragou ou melhorou os textos que teve presentes.*<sup>42</sup>

A tradução macediana revista por ANTÔNIO JOSÉ VIALE consta de 9.216 versos hexâmetros datílicos e 1.152 estâncias, contra 8.816 versos e 1.102 estâncias ocorrentes em CAMÕES.

Segue uma sinopse comparativa entre a estrutura camoniana e a da tradução macediana revista por ANTÔNIO JOSÉ VIALE.

	Camões	Macedo
Canto I	106 est.	106 p. 5 – 40
Canto II	113 "	113 p. 45 – 82
Canto III	143 "	143 p. 87 – 137
Canto IV	104 "	104 p. 139 – 173
Canto V	100 "	100 p. 179 – 212
Canto VI	99 "	99 p. 217 – 250
Canto VII	87 "	137 p. 255 – 284
Canto VIII	95 "	99 p. 289 – 322
Canto IX	95 "	95 p. 327 – 358
Canto X	156 "	156 p. 363 – 415
<hr/>		
Total		
de estâncias:	1.102	1.152
de versos:	8.816	9.216

40. *A Lusíada* (...) por Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo (cit.), p. XIII.

41. Cf. número que provoca a nota 36 *supra*.

42. Cf. número que provoca a nota 40 *supra*.

Diferença em estâncias: 50 estâncias a mais em Macedo-Viale.

Diferença em versos: 400 versos a mais em Macedo-Viale.

Cada canto é precedido de um *argumentum*, de 8 versos hexâmetros datílicos cada um.

## 2. Traduções desaparecidas

### 2.1 Tradução de anônimo (antes de 1609)

O Pe. DOMINGOS FERNANDES, na dedicatória que faz a D. RODRIGO DA CUNHA, na edição de *Os Lusíadas*, de 1609, deixa claro que existia, na época, uma tradução latina, mas imperfeita, da mesma obra:

*. . . outra, que na lingua latina ficou imperfeita, pela morte de que o seu Autor se viu salteado ao melhor tempo.*<sup>43</sup>

Não era a do Frei ANDRÉ BAIÃO, porque este morreu no ano de 1639.

O Pe. PEDRO DE MARIZ, no segundo prólogo a *Rimas de Luís de Camões*, impressas em Lisboa no ano de 1616, volta a informar:

*& até em Latim se começou a fazer neste reyno per um dos maiores Poetas Latinos, que Portugal teue que a morte atalhou, priuandonos de tamanho bem.*<sup>44</sup>

Causa espécie que nenhum dos dois chegou a legar o nome deste tradutor.

O Pe. INÁCIO GARCEZ FERREIRA, anotador de *Lusíadas*, que fez imprimir no ano de 1731 e 1732 em Nápoles e Roma,<sup>45</sup> supõe que fosse o Desembargador JOÃO DE MELO E SOUSA, o mesmo que escreveu em versos hexâmetros a *Paraphrasis in librum Job*, e que faleceu pouco antes que o Pe. PEDRO DE MARIZ publicasse as já referidas *Rimas*.

### 2.2. DIOGO BARBOSA MACHADO, ao bibliografar ANTÔNIO MENDES, dá-nos a seguinte informação:

*Por sua morte que foi no principio do Seculo passado (séc. XVII) desaparecerão todas as suas obras poeticas sendo delias a mayor, e a mais bem trabalhada a Versão do Poema de Camoens na lingua Latina que intitidou: Lusíaden Camonij Hispanorum vatum antesignani Poema Lusitanis versibus redditum. 4. M. M.*<sup>46</sup>

---

43. Apud PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA – A Obra Monumental de Luiz de Camões (cit.). Tomo I (1887), p. 45.

44. Idem *ibidem*, p. 55.

45. *Lusíada, poema epico de Luiz de Camões, com os argumentos de João Franco Barreto, illustrada com varias e breves notas, e com um precedente aparato do que lhe pertence*. Tomo I, Napoles, na Offic. Parriniana, 1731. XII-488 p. Tomo II, Roma, na Offic. de Antonio Rossi, sem data (que segundo ANTONIO DIOGO BARBOSA MACHADO é do ano de 1737). 328 p.

46. DIOGO BARBOSA MACHADO – *Bibliotheca Lusitana* (cit.). Tomo II (1747), p. 327.

Anos depois, em 1779, o Pe. TOMÁS JOSÉ DE AQUINO, na obra a ser citada logo mais adiante, faz menção desta tradução, desaparecida pela morte do seu autor.<sup>47</sup>

INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA não lhe menciona a autoria desta tradução, e corrige, inclusive, uns dados menos exatos que correm na obra citada de DIOGO BARBOSA MACHADO.

2.3. O Pe. TOMÁS JOSÉ DE AQUINO, no discurso preliminar (p. XVI-XXX) das *Obras de Luís de Camões* (Lisboa 1779, vol. I), assevera ter existido uma tradução latina de *Os Lusíadas*, feita por FILIPE JOSÉ DA GAMA (1713-1779), irremediavelmente perdida no incêndio do terremoto que assolou Lisboa em 1755, como o próprio autor lhe teria confessado.

Nem DIOGO BARBOSA MACHADO,<sup>48</sup> nem INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA<sup>49</sup> aludem à referida tradução, que só tem o testemunho do Pe. TOMÁS JOSÉ DE AQUINO.

### 3. Traduções parciais

Pareceu-me oportuno ordenar também as traduções parciais, porque só assim será possível aquilatar o conjunto de tentativas, por parte de diversos latinistas, em querer perpetuar seu estro, imortalizando a obra máxima de LUÍS DE CAMÕES, na língua e no metro dos romanos.

Às repetidas reimpressões parciais das versões integrais de Frei TOMÉ DE FARIA e de Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO é preciso acrescentar aquelas parciais de ANTÔNIO DE CASTRO LOPES, FRANCISCO DE PAULA SANTA CLARA, ANTÔNIO JOSÉ VIALE e VICENTE DE SIMONI. Todas elas andam esparsas em opúsculos, hoje raros, e por isso de difícil consulta.

#### 3.1. Traduções parciais, existentes

3.1.1. (1855) JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO,<sup>50</sup> em *Primeiros Traços de uma Resenha da Litteratura Portuguesa*, tomo I (e único), Lisboa, Imprensa Nacional, 1855, às págs. 311-313, reproduziu fragmentos da versão latina de *Os Lusíadas*, por Frei TOMÉ DE FARIA (cf. 1.1 *supra*).

---

47. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA – *Diccionario* (cit.). Tomo I (1858), p. 207.

48. DIOGO BARBOSA MACHADO – *Bibliotheca Lusitana* (cit.). Tomo II (1747), p. 327.

49. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA – *Diccionario* (cit.). Tomo II (1759), p. 298-299.

50. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO *vide* INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA – *Diccionario* (cit.). Tomo V (1861), p. 134; XIII (1885), p. 213.

3.1.2. (1860) O *Correio Mercantil do Rio de Janeiro*, de 12 de março de 1860, publicava “O episódio de Inês de Castro”, vertido em versos hexâmetros latinos por ANTÔNIO DE CASTRO LOPES.<sup>51</sup>

3.1.2.1. Em 1864 foi reproduzido em *Obras de Camões* (cit.), pelo VISCONDE DE JUROMENHA (cf. 3.1.3. *infra*); em 1868 e 1887, em *Musa Latina* (cf. 3.1.4. e 3.1.22. *infra*); em 1880, na *Revista Brasileira* (cf. 3.1.13. *infra*).

3.1.3. (1864) Versão em hexâmetros latinos das primeiras quatro oitavas do Canto I de *Os Lusíadas*, e das oitavas XXXII-XLIV do Canto II, por ANTÔNIO DE CASTRO LOPES.<sup>51</sup>

Acham-se impressas no vol. V, p. 323-325 de *Obras de Camões* (cit.), pelo VISCONDE DE JUROMENHA. Lisboa, Imprensa Nacional, 1864.

Nas págs. 326-327 vai o “Episódio de Inês de Castro”.

3.1.4. (1868) ANTÔNIO DE CASTRO LOPES – *Musa Latina*. Amaryllidos Dircaeii aliquot selecta lyrice in Latinum Sermonem translata ad usum scholarum Brasiliensium accomodata. Editio correctissima mendisque purgatissima, notis opportune adhibitibus. Potamopoli, Ex typis Quirini & Fratris, MDCCCLXVIII (1868).

Em apêndice, de pág. 59 a 61, está a tradução latina do “Episódio de Inês de Castro”, que o VISCONDE DE JUROMENHA já tinha apresentado no vol. V, p. 326-327, de *Obras de Luís de Camões* (cf. 3.1.3. *supra*).

Reimpresso em 1887 (cf. 3.1.22. *infra*).

3.1.5. (1873) – Frei TOMÉ DE FARIA (cf. 1.1. *supra*)

*Ignez De Castro | Episodio | Extrahido Do Canto Terceiro Do Poema Epico | OS LUSIADAS | De | Luiz De Camões | Edição Em Quatorze Linguas*<sup>52</sup> | Lisboa | Imprensa Nacional | 1873.

O texto latino, da tradução de Frei TOMÉ DE FARIA, encontra-se às págs. 7-11.

Esta edição foi feita com primor, para ser apresentada, com outros espécimes da Imprensa Nacional de Lisboa, na Exposição Universal de Viena (Austria), em 1873.

3.1.6. (1875) – FRANCISCO DE PAULA SANTA CLARA<sup>53</sup>

*Imitação Do Episodio Do Canto Terceiro Dos Lusíadas, Immortal Poema De Luís De Camões, Em Versos Latinos, Por Francisco De Paula*

---

51. ANTONIO DE CASTRO LOPES vide INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA – *Dicionario* (cit.). Tomo VIII (1868), p. 113. AUGUSTO VICTORINO ALVES SACRAMENTO BLAKE – *Dicionario* (cit.). Vol. I (1883), p. 133.

52. Português, latim, espanhol, italiano, francês, alemão, holandês, sueco, dinamarquês, magiar, tcheco, polonês, russo e inglês.

53. FRANCISCO DE PAULA SANTA CLARA vide INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA – *Dicionario* (cit.). Tomo IX (1870), p. 355.

*Santa Clara, Professor Da Lingua Latina Na Cidade De Coimbra.* Coimbra, Imprensa Litteraria, 1875.

3.1.7. (1875) – ANTÔNIO JOSÉ VIALE<sup>54</sup>

*O Episodio De D. Inez De Castro, Excerptos do Canto III Dos Lusíadas, Paraphraseado Em Versos Latinos Por A(ntônio) J(osé) Viale.* Lisboa, Lalle-mant Frères, 1875. Texto em português e latim.

3.1.7.1. Reimpresso em 1878 (cf. 3.1.11.3. *infra*).

3.1.8. (1876) – ANTÔNIO JOSÉ VIALE<sup>54</sup>

*Episodio Do Gigante Adamastor, Excerpto Do Canto V Dos Lusíadas, Tradadado Em Versos Latinos Por Antonio José Viale,* Lisboa, Lalle-mant Frères, 1876. Texto português e latino.

3.1.9.1. Reimpresso em 1878 (cf. 3.1.11.4. *infra*).

3.1.10. (1876) – FRANCISCO DE PAULA SANTA CLARA (cf. 3.1.6. *supra*) *Imitação Das Estancias CXVIII (118) e CXIX (119) Do Livro Terceiro Dos Lusíadas, Immortal Poema de Luiz de Camões, Em Versos Latinos, Por Francisco De Paula Santa Clara, Professor Da Lingua Latina.* Coimbra, Imprensa Litteraria, 1876. Texto em português e latim.

3.1.10.1. Foi depois reimpresso no *Instituto* (cf. 3.1.12. *infra*).

3.1.11. (1878) – ANTÔNIO JOSÉ VIALE<sup>54</sup>

*Alguns Excerptos Dos Lusíadas Do Grande Luiz De Camões, Com Uma Tradladação Em Versos Latinos Por Antônio José Viale, Do Conselho De Sua Magestade.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1878.

Cada excerto tem, na frente, a respectiva tradução latina, e por isso segundo rosto: *Excerpta Ex Epico Poemate A Ludovico Camonio Composito Quod Lusíade Inscritur In Latinam Linguam Translata Ab Antonio Josepho Viale Regis Fidelissimi A Consiliis.* Olisipone, ex typographia Nationali, 1878.

Na “advertencia ao leitor” declara:

*Publicam-se agora, reunidos em pequeno volume, cinco excerptos dos Lusíadas, trasladados para latim, que saíram successivamente nos anos de 1875 e 1876, impressos na typographia Lalle-mant. Na reimpressão d’estes nossos tentames litterarios, achando-se esgotada a sua primeira edição, teve-se principalmente em mira subministrar aos estrangeiros estudiosos um especimen da poesia do principe dos vates portuguezes, acompanhado de uma trasladação em versos latinos, tão fiel quanto possivel ao paraphras-ta . . .*

A tradução recaiu sobre cinquenta e sete (57) oitavas, deste modo:

3.1.11.1. *Poematis propositio* (Canto I, estrofes I, II e III).

3.1.11.2. *Invocatio* (Canto I, estrofes IV e V).

3.1.11.3. *Episodium Agnetis a Castro* (Canto III, estrofes CXVIII – CXXXV).

3.1.11.4. *Adamastor Gigas* (Canto V, estrofes XXXVII – LX).

---

54. ANTÔNIO JOSÉ VIALE vide INOCENCIO FRANCISCO DA SILVA – *Diccionario* (cit.). Tomo I (1858), p. 181; VIII (1868), p. 218; XX (1911), p. 372.

3.1.11.5. *Insulae Amorum descriptio* (Canto IX, estrofes LIV – LXIII).

No “apêndice” (da pág. 67 à pág. 75), em que o tradutor dá conta das dificuldades que vencem os que se dedicam a estes trabalhos, nota:

*O traslador do episódio camoniano de D. Iñez de Castro não ousou chamar tradução aquella sua tentativa litteraria: aspirou apenas ao título de paraphrasta.*

E acrescenta:

*Relevarão. . . algumas omissões, e tambem algumas breves adições que notarem na versão d'estes excerptos, conferida com o texto: omissão E adições tornadas necessarias por motivos que não escaparão à sua sagacidade. Versões litterarias só podem fazer-se em prosa. . .*

3.1.12. (1879) – FRANCISCO DE PAULA SANTA CLARA (cf. 3.1.6. *supra*).

*Instituto*, jornal científico de literário, impresso pela Universidade de Coimbra, vol. XXVI, 1879, p. 328-334, reproduziu *Imitação das estancias 118 e 119 do livro terceiro dos Lusíadas, immortal poema de Luiz de Camões, em versos latinos, por Francisco de Paula Santa Clara, professor da lingua latina.*

Esta tradução latina saíra três anos antes, em 1876, em Coimbra, pela Imprensa Litteraria (cf. 3.1.10. *supra*).

3.1.13. (1880) – ANTÔNIO DE CASTRO LOPES (cf. 3.1.2. *supra*)

*O episodio de Iñez de Castro* (. . .) publicado já antes no *Correio Mercantil*, de 12 de março de 1860 (cf. 3.1.2. *supra*), volta a ser reimpresso na *Revista Brasileira*, em “Homenagem a Camões – 10 de junho de 1880”, Primeiro Ano, Tomo IV, p. 468-470. Rio de Janeiro, N. Midosi, Editor. M. DCCC. LXX (1880).

3.1.14. (1880) – Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO (cf. 1.3. *supra*)

*Iñez de Castro, episodio extrahido do canto terceiro do poema epico de Luiz de Camões.* Edição em quinze linguas (55). Lisboa, Imprensa Nacional, 1880.

Opúsculo editado para comemorar o “Tricentenário de Camões – 10 de junho de 1880”. A tradução latina é de Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO.

3.1.15. (1880) – Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO (cf. 1.3. e 3.1. 14 *supra*)

*O episodio de Iñez de Castro com a versão latina de fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, assombro encyclopedico e com um preambulo do professor Pereira Caldas.* Porto, Typographia Universal, 1880.

3.1.16. (1880) – Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO (cf. 1.3.; 3.1.14 e 15. *supra*)

*Iñez de Castro, Episodio, extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusíadas de Luiz de Camões.* Edição em sete linguas.(56) Lisboa, Imprensa Nacional, 1880.

---

55. Português, latim, espanhol, italiano, francês, inglês, alemão, holandês, sueco, dinamarquês, tcheco, polonês, magiar, russo, romaico (grego moderno).

56. Latim, português, espanhol, italiano, francês, inglês e alemão.

A tradução latina é de Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO.

3.1.17. (1880) – LUIÍS VICENTE DE SIMONI(57)

3.1.17.1. *Agnētis a Castro Episodium ex Lusiada Camonis Translatum.*

3.1.17.2. *Gigantis Adamastoris Episodium ex Camonis Lusiada Translatum.*

Manuscrito assinado pelo tradutor (Dr. LUIÍS VICENTE DE SIMONI), e datado de 1880, conforme nō-lo atesta PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA, no tomo I, p. 416, de *A Obra Monumental de Luiz de Camões* (cit.).

3.1.18. (1880) – Dom Frei TOMÉ DE FARIA (cf. 1.1. *supra*)

O *Diário do Maranhão*, jornal do comércio, lavoura e indústria, nº 2049, ano 119, “Edição especial dedicada a commemorar o tricentenário do eximo epico Luiz Vaz de Camões no dia 10 de junho de 1880”, no artigo principal, comemorativo e biográfico, apresenta em divesos idiomas a primeira estância do *Episódio de Inês de Castro*, sendo a versão latina a feita por Dom Frei TOMÉ DE FARIA.

3.1.19. (1880) – Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO (cf. 1.3.; 3.1.14., 15.e 16. *supra*)

*The Financial and Mercantile Gazette*. A monthly review. Lisbon, printing offices of Christovam Augusto Rodrigues, Nº 42, do vol. IV, contém um artigo comemorativo e o *Episodio de Ignez de Castro* traduzido em diversos idiomas (58), sendo a versão latina de Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO.

3.1.20. (1880) – Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO (cf. 1.3. e 3.1.14., 15., 16.e 19. *supra*)

*Ignez de Castro. Episodio extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusíadas de Luiz de Camões*. Edição em sete linguas.(59) Lisboa, Imprensa Nacional, 1880.

A tradução latina é a de Frei FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO.

3.1.21. (1882) – FRANCISCO DE PAULA SANTA CLARA (cf. 3.1.6. e 12. *supra*)

*A Ilha dos Amores, elegantissimas estancias do canto IX dos Lusíadas, paraphraseadas em versos latinos por Francisco de Paulo Sancta Clara* (. . .). Evora, Typographia Minerva, 1882.

O tradutor fez imprimir em nota, a cada página do seu trabalho, a tradução respectiva de Dom Frei TOMÉ DE FARIA.

Texto português e latino.

3.1.22. (1887) – ANTONIO DE CASTRO LOPES (cf. 3.1.2., 3., 4. e 13. *supra*)

---

57. LUIS VICENTE DE SIMONI vide INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA – *Diccionario* (cit.). Tomo V (1861), p. 473.

58. Português, espanhol, italiano, inglês e latim.

59. Cf. nota 55 *supra*.

*Musa Latina*. Algumas Lyras Escolhidas De Marilia De Dircêo Traduzidas Para Verso Latino. Segunda Edição. Rio de Janeiro, Typ. De G. Leuzinger & Filhos, 1887.

Às pág. 114-123, em apêndice, encontra-se *Ignez De Castro. Episodio dos Lusíadas de Camões*, com texto vernáculo justilinear à tradução latina.

Em 1868 saíra em primeira edição, porém sem o texto vernáculo (cf. 3.1.4. *supra*).

Estes preciosos retalhos bem mereceriam um ordenamento orgânico num único volume, tão de acordo com a importância e o valor desta obra de CAMÕES. A idéia está lançada: possam os camonistas realizá-la. São os meus votos mais vivos.

### 3.2. Tradução parcial, desaparecida

Frei MANOEL DE JESUS DE OLIVEIRA FERREIRA traduziu, sem publicá-lo, o Canto VII de *Os Lusíadas*, conforme testemunha DIOGO BARBOSA MACHADO, na parte em que lhe arrola a obra manuscrita:

Liber vii. Lusiadum Camonii. *He o Canto 7. de Camoens traduzido verso por verso, por emulação com premio. Começa*  
*Jam prope Lusíadae terram conscendere visi,*  
*A tantis fuerat quaeque exoptata, feroces, &c.* (60)

INOCENCIO FRANCISCO DA SILVA, que trata deste autor(61), não menciona a tradução do referido canto, limitando-se apenas a relacionar as obras que considerava mais importantes, remetendo, no demais, para a *Bibliotheca*, de DIOGO BARBOSA MACHADO.(62)

Emitir juízos de ordem literária acerca de cada uma das traduções não entrou em minhas cogitações, ao propor-me recolher e ordenar o que acima enunciei. Depois, um estudo literário comparativo e crítico dessas traduções só seria possível se o texto latino de Frei ANDRÉ BAIÃO já existisse em edição diplomática pelo menos; sem o que não é possível emitir um juízo definitivo. A mais, um trabalho crítico em empresas desta natureza requeriria boa parte de vida intelectual, inteiramente dedicada ao assunto. Fora disso, tudo seriam temeridades.

---

60. DIOGO BARBOSA MACHADO – *Bibliotheca* (cit.). Tomo III (1752), p. 330 Cf. VISCONDE DE JUROMENHA – *Obras de Luiz de Camões* (cit.). Vol. I (1860), p. 220.

61. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA – *Diccionario* (cit.). Tomo VI (1862), p. 9-10.

62. DIOGO BARBOSA MACHADO – *Bibliotheca* (cit.). Tomo III (1752), p. 327-330.